

Camisa amarela e coração acelerado (publicada em 13/06/2010)

É, a Seleção do Dunga não tem a alegria dos meninos do Santos, está muito longe dos craques inesquecíveis de 1982, falta aquela malandragem eficiente do Romário na área. Isso é o que dizem muitos brasileiros. E uma minoria entre eles jura que não vai nem torcer pelo Brasil nesta Copa porque o time é burocrático, disciplinado demais, sem magia. Enfim, não encanta. Até concordo em parte com alguns dos argumentos, porque é claro que é melhor vencer jogando bonito, como anda fazendo a Espanha, do que sofrer vendo o Kaká ainda fora de ritmo. Mas será mesmo que algum brasileiro consegue passar uma Copa do Mundo sem torcer pelo Brasil?

E qual seria a vantagem? Estive pensando nisso desde que alguns amigos vieram com esse papo pessimista-visionário talvez para, sei lá, em caso de desclassificação, estufar o peito e dizer: “Bem que eu avisei!”. Seria uma mórbida satisfação em antecipar o fracasso. Uma proteção contra a angústia de assistir 90 minutos na dúvida de passar de fase ou cair fora da Copa.

Mas, para mim, isso é o mesmo que não se apaixonar por medo de machucar. Sabe aquelas pessoas que não apostam para não arriscar, ou que deixam de planejar porque pode dar errado? O que é que essa suposta certeza sobre o destino traz de tão valioso?

Coisa boa é acreditar, sonhar, confiar que vai dar certo – mesmo quando não há motivos evidentes para isso. Sentir dúvida, insegurança, mas depois, lavar a alma com o resultado que você esperava. Ou então aceitar o resultado contrário porque, afinal, as coisas são como têm que ser – é a vida! E não estou falando só de futebol, isso vale pra tudo.

Bom, mas cada um sabe o que fazer com a sua vida e as suas expectativas. Se acho que o Brasil vai ganhar? Não tenho a menor idéia, mas levo a maior fé. Não me ocorre o mínimo receio de quebrar a cara. Nada me tira a vontade de acompanhar cada detalhe da Seleção Brasileira, são quatro anos esperando por esse momento. Tudo o que eu quero até o dia 11 de julho é uma tela gigante, uma camisa amarela e um coração acelerado. Pronto para o que der e vier.

Denise Chaves é jornalista e esportemaníaca

O som do gol (publicada em 20/06/010)

Proponho um plebiscito: as autoridades devem ou não exigir o porte da vuvuzela? Voto pelo SIM, acho que o cidadão deveria ser obrigado a comprovar pelo menos um pouco de bom senso antes de ser autorizado a adquirir a irritante corneta. E eu ainda criaria uma burocracia para o porte de videokê e do spray de espuma no Carnaval. Esses produtos, vendidos assim indiscriminadamente, são verdadeiras armas!

A vuvuzela tornou as torcidas todas iguais, não se ouve o nosso “sou brasileiro com muito orgulho, com muito amor!”, aliás, não se ouve quase nada! Ok, é cultura local, então já que nem a Fifa conseguiu barrar a famigerada, vamos tentar combatê-la de outra forma. Quem sabe com mais gols? Sim, porque a Copa foi tão magra na primeira

rodada que chego a supor que a torcida cornetava por falta de opção, já que foram escassas as oportunidades de gritar goooooool. No jogo de estréia do Brasil, nem se fala! Ainda bem que o porte de arma de verdade já é obrigatório.

Mas se a Copa da África faz o mundo se contagiar com a tal da vuvuzela, por outro lado interrompe uma tradição: nunca antes na história do Mundial passamos um jogo todinho do Brasil sem ver um grupo de mulatas sambando de biquíni no meio da arquibancada! Essa sempre foi a clássica cena das transmissões de TV quando joga o Brasil, mas convenhamos que, naquele frio, seria excesso de patriotismo.

Sempre detestei essas mulheres sem noção por fazerem os estrangeiros pensarem que nós, brasileiras, passamos o dia de biquíni e sambando em qualquer situação. Mas engraçado que agora que elas não estão lá, até sinto falta delas. Será que sentiremos saudades do ruído incessante das vuvuzelas quando a Copa acabar?

Enfim, hoje tem Brasil de novo em campo. Claro que o importante é ganhar e seguir em frente, mas tomara que a Seleção esteja inspirada para que a gente possa gritar gol muitas vezes, pra gente parar de sentir inveja da goleada da Argentina, e, principalmente, pra que não sobre muito fôlego para a corneta africana.

Denise Chaves é jornalista e esportemaníaca

No stress! (publicada em 27 de junho de 2010)

Chama a mamãe. O técnico chamou o repórter de “besta”, pode? Tipo de discussão que precisa de mãe pra resolver, botar de castigo. Por aqui virou assunto nacional, ameaça de punição da Fifa, briga de mocinho e bandido. Os dois vão pra África trabalhar em horários ingratos, passam frio, ficam longe da família por mais de um mês e, como se não bastasse, arrumam uma disputa infantil, fala sério!

A campanha da Seleção é eficiente. Tá certo que gastamos a paciência contra Portugal, jogo sem vontade que valeu mais pela manhã de folga. Foi ruim, mas foi bom. Classificamos em primeiro no grupo, nossos carrascos de Copa – França e Itália – já voltaram pra casa. Mas por algum motivo, tem gente que não consegue viver sem problema, na paz. Então, se está tudo bem agora, é porque algo pior vem por aí... ó vida, ó céus!

Aí tudo é motivo pra confusão: o treino é fechado, o time está isolado, o casaco é de mau gosto – imagine você chegar no trabalho e toda vez ter um monte de gente falando que a sua roupa é isso ou aquilo, não é mole não. Até o Kaká, expulso injustamente como todo mundo viu, foi colocado contra a parede: não é mais o mesmo, anda nervoso, descompensado. Será?

É duríssimo lidar com as expectativas alheias, mesmo que você não seja jogador ou técnico da Seleção Brasileira. Além de duro, é chato, porque afinal ninguém nunca vai

ser exatamente como o outro gostaria que ele fosse – neste caso, é ainda mais grave porque se trata de agradar a 190 milhões de criaturas. Só não vamos esquecer que futebol é um esporte, alegria do povo, Copa é festa.

Seria ótimo se o Dunga falasse “bom dia”, se fizesse substituição em lugar de só gritar na beira do campo, se tivesse um estilo italiano de se vestir. Assim como seria excelente se todo jogador fosse tão bonito como o Kaká, hummm nada mal! Mas o mundo não é perfeito. Amanhã tem mais. Se eu fosse camelô na África do Sul já tinha montado uma banquinha em frente à concentração do Brasil vendendo aquelas camisetas “No Stress”. E caipirinha.

Denise Chaves é jornalista e esportemaníaca

Inacreditável (publicada em 4 de julho de 2010)

Não acredito em maionese light. Ou em música inédita dos Beatles. Não acredito em vida extraterrestre. Que todo mundo foi nobre em vidas passadas, não acredito. Não acredito em mau olhado. Não acredito em horóscopo. Não acredito em quem diz que não acredita em Deus.

Depilação sem dor, isso não existe. Também não acredito em choro sem lágrimas. Ou em sorriso sem brilho nos olhos. Não acredito em amor sem ciúme – nem que seja um pouquinho. Não acredito em dieta sem esforço. Em creme que acaba com a celulite. Não acredito em creme de cabelo que modela os cachos até nos dias úmidos – experiência própria, nunca funciona nos dias úmidos.

Não acredito em parcelamento sem juros. Não acredito em almoço grátis. Investimento com risco zero, imagine! Não acredito que o meu nome foi selecionado em uma lista de clientes preferenciais e que o cartão de crédito não terá nenhum custo.

Também não acredito em prazo dado por pedreiro ou marceneiro. Não acredito em Internet que não cai. Em cachorro que não morde. Não acredito em quem não gosta de dançar – isso é pura timidez. Não acredito em curso de inglês sem gramática. Não acredito que Elvis está vivo. Ou Michael. Não acredito que o mundo vá acabar tão cedo. Homens que nunca falharam, alguém acredita?

Mas na Seleção Brasileira, EU ACREDITEI! No primeiro tempo contra a Holanda, acreditei que era a melhor atuação do Brasil. Acreditei que o Felipe Melo ia se redimir com o belo passe pro Robinho, acreditei até que podíamos golear. Que o Mick Jagger ia dar azar eu também acreditei, mas tentei não pensar nisso. Acreditei que a Holanda era nossa freguesa em Copa do Mundo e que não tinha nem Robben nem Batman pra reagir. E acima de tudo, acreditei na virada até o último segundo. Ou na vitória suada na prorrogação, nos pênaltis, quem sabe? Que eu ia ter a chance de correr pra varanda e gritar bem alto pra calar minha vizinha gringa que torceu pela Holanda. Ainda está bem difícil de acreditar... Mas não tem outro jeito. Até 2014 essa ferida vai se curar e voltar a ser a mesma inabalável fé no futebol do Brasil.

Falsos heróis (publicada em 11 de julho de 2010)

Vergonha e decepção. O futebol brasileiro, conhecido no mundo todo pela alegria, pelas conquistas memoráveis como a de 1970 ou derrotas heróicas como a de 1982, mostrou ao mundo nos últimos dias uma imagem que nada tem a ver com a que nos tornou os maiores desse esporte em todos os tempos.

Pensou na derrota pros holandeses? Imagine, jogo é assim mesmo, um dia se ganha, outro se perde, bola pra frente. A volta pra casa antes da hora, a eliminação humilhante da Argentina, a demissão do Dunga, até mesmo o lançamento da Copa de 2014... tudo isso ficou pequeno e banal diante do que realmente mobiliza o país: o astro do futebol preso sob a acusação de um crime pior do que os piores filmes de terror. De repente, o país que estava vestido de verde e amarelo foi coberto por uma nuvem negra. Justamente sobre o nosso sagrado campo de futebol.

As lições que sempre ouvimos sobre o quanto o esporte é importante para a disciplina e outros bons valores – o que pensar agora? Em que momento o espírito esportivo foi tragado pela fogueira das vaidades dos contratos milionários, carros de luxo, farras, sexo fácil? O que pode passar pela cabeça de um jovem atleta saído de uma vida miserável, com renda de R\$ 400 mil por mês, com um futuro brilhante pela frente? Talvez que ele é o dono da bola, invencível, aquele que tem um Maracanã gritando seu nome e que passa a crer que o mundo está a seus pés. Nada pode detê-lo.

Algo de muito errado deve estar acontecendo no mundo da bola. Quem sabe os garotos talentosos de hoje estejam se transformando em falsos heróis, mais preocupados com seus brincos de brilhantes, contratos na Europa e mulheres demais. Essa é a hora de botar os pés no chão, deixar de tratar jogadores de futebol como semideuses.

E hoje, na grande final da Copa do Mundo, vai dar Espanha ou Holanda? Pouca gente se importa. Agora mantemos os olhos grudados na tela não mais na esperança do hexa, o grande final que todos desejam é o esclarecimento de um crime medonho, que seja feita justiça e que o futebol volte a ser apenas aquele esporte que aprendemos a amar.